

"Paulo - o educador de um novo século"

Quando vi Paulo pela primeira vez, início dos anos 60 - era ainda uma adolescente educadora, e a imagem que dele guardo é a do homem carismático - estávamos em ritmo de Conferência Brasileira de Educação - era meu "debut" em congressos - à minha frente Paulo e um auditório repleto de jovens estudantes - encontro-me com alguém que ousava cometer o pecado de criar - tudo tão diferente do que se praticava na Faculdade de Educação da USP onde eu estudava ! Qual o significado do educar por palavras - palavras que encerram o sentido da vida das pessoas? quem seria esse Paulo, que ousava dizer coisas tão próximas ao coração de nós jovens que atentamente o ouvíamos ?

Dez anos mais tarde, início do anos 70, meu reencontro com Paulo - embora a pessoa dele não estivesse conosco, tínhamos seus livros e um "contrabando" de textos seus que nos chegavam às mãos no Pós-graduação. Líamos e estudávamos vorazmente tudo o que Paulo escrevia lá fora... - no gosto e ao sabor da interdição praticávamos com seus textos o exercício de um vôo rumo à construção da utopia de uma nova educação.

Mais dez anos se passaram e estávamos no início dos anos 80. Paulo voltava ao Brasil e a PUC o recebia com toda a alegria contida e com todo o amor a ele, construído. Nesse momento, já não era mais uma adolescente educadora, mas alguém que havia caminhado paralelamente à Paulo - um caminho de busca de uma teoria interdisciplinar para a educação. Reencontro Paulo, um de meus autores prediletos - e novamente estávamos em ritmo de CBE/ Conferência Brasileira de Educação. Tão próximos dele eram meus sonhos, que não sabia mais distinguir os seus dos meus. Encontro um Paulo ainda mais carismático que o dos anos 60 - ele agora já representava não só para os educadores brasileiros, mas para os do mundo todo o símbolo de uma resistência que luta, se agiganta e contagia. Paulo simbolizava então a possibilidade de concretização de uma escola mais bonita e alegre, de uma escola onde a cultura do silêncio não poderia mais ter lugar.

Em 1986 ingresso no Pós de Supervisão e Currículo como professora, e minha satisfação maior era ali estar, era poder também compartilhar meu cotidiano com o colega Paulo. Hoje são passados

quase 10 anos dessa convivência feliz. Muitos seriam os fatos a serem relatados, porém prefiro pontuar apenas três das máximas que com ele repartí :

- A teoria só tem sentido quando requerida, solicitada - ao estudarmos a transição em nosso Programa de um currículo disciplinar para um currículo interdisciplinar -

- Inovar não é criar do nada, mas ter a sabedoria de revisitar o velho - ao definirmos projeto de pesquisa de uma orientanda de doutorado.

- Não se constranger com aqueles que a molestam em seu ato de criar, a causa disso, é que são todos mal amados, portanto não podem compreender o sentido de criar, que é o mesmo de amar - consolando-me num de meus desabaços sobre injustiças profissionais.

Em meu contato com Paulo, tenho o privilégio de assistir diariamente uma legião de renomados educadores que vêm à sua procura - todos em busca de um momento de transcendência, todos ansiosos por conhecer um pouco de seu carisma, de partilhar nem que seja por instantes de seu contato sereno e profundo.

Porém o Paulo que eu mais adoro ouvir é o contador de "causos", principalmente quando é provocado para dizer dos seus "causos de amor". Há também um outro Paulo, aquele que gosta de ficar "quase anônimo" entre nós, ouvindo e aprendendo. Olho para ele e encontro a personificação da figura do sábio descrita por Juerg em seus livros - figura ímpar, concretizada em vida por apenas muito poucos - fico a contemplar essa - figura de sábio e mais uma vez com ele aprendo sua máxima maior - é possível cultivar a crença em tudo, em tudo que tenha sido construído com amor - e essa sua atitude se revela na paciência como examina textos ainda virgens de pesquisadores iniciantes, em seus relatos de qualificação.

Ivani Catarina Arantes Fazenda